



A Verdadeira Maria



PUBLICAÇÕES RBC

A Verdadeira Maria

PODEM OS CRISTÃOS EVANGÉLICOS
ACOLHER A MÃE DE JESUS?



SCOT MCKNIGHT

This book was first published in the United States by
Paraclete Press, P.O. Box 1568, Orleans MA 02653 with the title *The Real Mary*,
copyright © 2006 by Scot McKnight.
Translated by permission, arranged by F. J. Rudy and Associates,
Palatine, Illinois, USA.

Tradução: Hedy Maria Scheffer Silvano

Revisão: Rita Rosário

Projeto gráfico: Audrey Ribeiro

Foto da capa: © Ministérios RBC, Anabela Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

McKnight, Scott

A Verdadeira Maria — podem os cristãos evangélicos acolher a mãe de Jesus?;
tradução Hedy Maria Scheffer Silvano — Curitiba/PR Publicações RBC.

Titulo original: *The Real Mary, Why Evangelical Christians Can Embrace The Mother of Jesus*

1. Maria
2. Virgem
3. Bíblia / Religião.

Proibida a reprodução total ou parcial, sem prévia autorização, por escrito, da editora.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

Exceto quando indicado no texto, os trechos bíblicos mencionados são da edição
Nova Versão Internacional © 2000 Sociedade Bíblica Internacional.

Traduzido e publicado por Publicações RBC sob acordo especial com F. J. Rudy and
Associates, Palatine, Illinois, USA.

Publicações RBC
Rua Nicarágua 2128, Bacacheri, 82515-260 Curitiba/PR
Visite o nosso site:
www.publicacoesrbc.com • www.ministeriosrbc.org

ISBN: 978-1-60485-151-9

Código: Q2253

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Sumário

PARTE 1

A verdadeira Maria dos evangelhos

- | | |
|--|----|
| 1. <i>Por que escrever um livro sobre a verdadeira Maria?</i> | 11 |
| 2. <i>“Que aconteça comigo conforme a tua palavra”</i>
MULHER DE FÊ | 15 |
| 3. <i>“Ele derrubou governantes”</i>
MULHER DE JUSTIÇA | 23 |
| 4. <i>“E sobre elas refletia em seu coração”</i>
MULHER DE OUSADIA | 33 |
| 5. <i>“Onde está o recém-nascido rei dos judeus?”</i>
MULHER DE TESTEMUNHO | 41 |
| 6. <i>“Uma espada atravessará a sua alma”</i>
MULHER DE SOFRIMENTO | 53 |
| 7. <i>“Na casa de meu Pai”</i>
MULHER DE PONDERAÇÃO | 61 |
| 8. <i>“Façam o que Ele lhes mandar”</i>
MULHER DE RENDIÇÃO | 71 |
| 9. <i>“Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”</i>
MULHER DE AMBIVALÊNCIA | 83 |

10. "Perto da cruz de Jesus estava sua mãe"	
MULHER DE FIDELIDADE	97

PARTE 2

A vida de Maria na igreja

11. "Seguindo com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus"	
MULHER DE INFLUÊNCIA	111
12. "Protestantes, Católicos Romanos e Maria"	
MULHER DE CONTROVÉRSIA 1	125
13. "Protestantes, Católicos Romanos e Maria"	
MULHER DE CONTROVÉRSIA 2	139

PARTE 3

Acolhendo a verdadeira Maria

14. "Todas as gerações me chamarão bem-aventurada"	
MULHER PARA SER LEMBRADA	155
Apêndice 1: Paralelos do Antigo Testamento no <i>Magnificat</i>	163
Apêndice 2: Sugestões Para Reflexão Sobre Maria	169
Bibliografia	183
Fontes	185

Perdoe-nos gentil senhora, se aprendemos
a lhe dar menos respeito do que o céu desejaria;
Pois nos apaixonamos pelo Filho do seu amor maior,
Para que não venerássemos a ti mais do que a Ele.
—de “Gales e a Virgem Maria”

JOHN GWILI JENKINS

... fomos levados até o final para o
Nascimento ou Morte? Houve um Nascimento, certamente,
Tivemos evidência e não duvidamos.
Eu tinha visto nascimento e morte,
Mas pensei que eles eram diferentes; este nascimento foi
Difícil e amargo para nós, como a Morte, nossa morte.
Retornamos para os nossos lugares, estes Reinos,
Mas não há mais paz aqui, na velha dispensação,
Com pessoas estranhas agarrando seus deuses.
Eu gostaria de morrer outra morte.
—de “A Jornada dos Magos”

T.S. ELLIOT



Parte 1

A VERDADEIRA MARIA
DOS EVANGELHOS



1

Por que escrever um livro sobre a verdadeira Maria?

“*Por que você — um protestante — está escrevendo um livro sobre Maria?*” Muitas vezes me fizeram esta pergunta. Na verdade, uma pessoa perguntou-me o seguinte: “*Maria não era católica romana?*” (Não estou brincando).

Por que escrever um livro para protestantes a respeito de Maria? Aqui está o porquê: Porque a história sobre a verdadeira Maria nunca foi contada. A Maria da Bíblia sumiu por causa de algumas controvérsias teológicas, por meio das quais, ela se tornou o teste da mancha de Rorschach (usado em psicologia) no qual teólogos encontram o que *desejam* encontrar. No meio desta controvérsia, a verdadeira Maria foi deixada para trás. É hora de deixarmos sua história ser contada novamente. Nos últimos dez anos li prateleiras de livros e artigos sobre Maria, e descobri que quase ninguém está interessado no que a verdadeira Maria era, em sua época. *A Verdadeira Maria* tenta preencher este vazio e destacar a Maria real.

Por que um livro sobre Maria?

Porque a história de Maria é sobre uma mulher comum, e também é a história de uma mulher com uma vocação extraordinária (ser a mãe do Messias), que aprendeu a seguir o Messias Jesus através das lutas habituais que os humanos enfrentam. Neste sentido, Maria representa cada um de nós — você e eu — em nosso chamado para seguir Jesus.

Por que um livro sobre Maria?

Porque por anos a visão de Maria na igreja não foi verdadeira. Para alguns, Maria se tornou um pouco mais do que um complacente “ventre de repouso” para Deus. Ela tornou-se um estereótipo da passividade; diante de desafios, de autossacrifício à custa da preocupação da alma; e de quietude, ao ponto de esconder-se na sombra dos outros. Nora O. Lozana-Diaz, professora na Faculdade Teológica Batista Hispânica, destaca a influência do que ela chama de *marianismo* na cultura latina, e declara que esta falsa visão de Maria (marianismo) oprime as mulheres, ao invés de desafiá-las a viver com coragem diante de Deus — como a própria Maria viveu! Se uma falsa visão nos prejudica a todos, uma visão mais precisa pode nos encorajar, homens e mulheres.

Por que escrever um livro sobre Maria?

Porque ela foi a mãe de Jesus, e por isso é importante para cada um de nós.

Porque o Magnificat, o cântico que ela entoou, registrado no evangelho de Lucas 1 é a *Carta Magna* dos cânticos cristãos primitivos, e um mosaico do que Deus faria quando Jesus, o Messias, viesse: “Minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, pois atentou para a humildade

da sua serva” (Lucas 1:46-47). Esta é apenas a primeira linha do seu cântico.

Por que escrever um livro sobre Maria?

Porque as manifestações com relação a Maria nas tradições Católica Romana e Ortodoxa geraram “reações de formação”. Muitos de nós, protestantes, ao reagirmos tanto contra Maria, a retiramos de cena. Sabemos muito mais sobre o que não cremos a respeito de Maria — que ela não foi concebida imaculada, que teve outros filhos com José, portanto não permaneceu perpetuamente virgem, etc.— do que cremos sobre ela.

Por que escrever um livro sobre Maria?

Porque, até onde sei, um livro sobre Maria, para evangélicos, com enfoque na verdadeira Maria, nunca foi escrito. Outros livros se envolveram em polêmicas sobre a imaculada concepção, sua virgindade perpétua, a devoção a Maria e outros dogmas chamados marianos. No entanto, dentro do que descobri ninguém escreveu um livro sobre a vida e o caráter de Maria, para ajudar-nos a desenvolver uma visão protestante e positiva dela. Permitam-me dizer isto de maneira mais forte: Somos protestantes; cremos na Bíblia; Maria está na Bíblia; precisamos crer no que a Bíblia diz sobre Maria. O livro, *A Verdadeira Maria*, foi concebido para falar à nossa tradição.

Por que escrever um livro sobre Maria?

Porque a Guerra Fria entre protestantes e católicos romanos a respeito de Maria acabou. Há muitas razões para isto, algumas; políticas, sociais, teológicas e globais, mas o pastor evangélico presbiteriano Mark Roberts de Irvine, da Califórnia, EUA, acha que pelo menos uma das razões pela qual a Guerra Fria acabou foi motivada pela canção *Mary Did You Know?* (Maria você sabia?),

escrita há décadas por Mary Lowry e agora gravada por mais de 30 artistas cristãos. Esta canção nos faz reconhecer Maria — a verdadeira — que os protestantes podem acolher.

Ainda tenho uma resposta final para esta pergunta “Por que escrever um livro sobre Maria?”

Porque a verdadeira Maria sempre nos conduz a Jesus. Quando descobrimos a verdadeira Maria, aquela que viveu com José na Galiléia do século 1.º d.C., que creio, criou outras crianças e teve suas próprias lutas, também descobrimos alguém a quem podemos acolher, porque Maria honrou seu filho assim como nós somos chamados a honrá-lo. Quando você encontrar a verdadeira Maria das Escrituras, a Maria do século 1.º d.C., você a descobrirá falando sobre seu filho Jesus, e nos incentivando a conhecê-lo melhor.

2

*“Que aconteça comigo
conforme a tua palavra”*

MULHER DE FÉ

O primeiro natal foi cheio de surpresas. Maria era uma jovem judia, pobre, de uma vila obscura chamada Nazaré, quando o anjo Gabriel a surpreendeu. Talvez ela estivesse dormindo e as notícias lhe vieram em sonho; talvez estivesse num quarto, orando sozinha; talvez estivesse meditando, junto a um ribeiro. De algum lugar, de alguma forma, o anjo lhe apareceu e trouxe sob suas asas um envelope especial com notícias celestiais, informando Maria que ela tinha sido escolhida por Deus para ser a mãe de um filho.

Gabriel a informou que aquele filho não seria uma criança qualquer, como um Jacó, um Rubem ou um Benjamim. Não, o filho dela seria o Filho do Altíssimo, o Rei da tribo de Davi, o Messias há muito esperado. E para maior surpresa de Maria —, ela conceberia de forma milagrosa: O poderoso Espírito de Deus,

aquele Espírito que criou as águas no Dia da Grande Inauguração da Terra, viria sobre ela e produziria um milagre em seu ventre.

A visita de um anjo, a novidade de que ela teria um bebê e a palavra de que seu filho seria o Messias: com certeza a surpreendeu. *Mas a surpresa maior foi Maria consentir no plano de Deus.* Após Gabriel ter lido as boas notícias de Deus para ela, Maria consentiu, dizendo simplesmente: “que aconteça comigo conforme a tua palavra” (Lucas 1:38).

Como protestantes, temos duas coisas atuando contra nós, quando se trata de entendermos afirmações, como esta de Maria “que aconteça comigo”: Nós não só a ignoramos de maneira geral, mas também a consideramos como um personagem natalino. Olhemos novamente os acontecimentos que antecederam o primeiro natal, e ao fazermos isto não veremos somente as maravilhas contidas na declaração mariana, mas também encontraremos lá a verdadeira Maria.

Embora aquele dia possa ter sido surpreendente e alegre, quando Maria suspirou “que aconteça comigo” ao anjo Gabriel, o corpo de Maria recebeu a vida do bebê que nasceria. Precisamos nos lembrar que o “que aconteça comigo” de Maria ao anjo Gabriel, aconteceu meses antes do “sim” que ela proferiu a José. Naquele dia, Maria ouviu a estranha notícia divina de que ela conceberia fora do casamento, como parte do plano de Deus. Para uma mulher judia já prometida, aquela teria sido uma grande surpresa, pois não era assim que Deus e a lei judaica funcionavam, e nem como a sociedade funcionava.

Uma mulher judia e grávida antes de casar-se, enfrentaria o questionamento sobre a integridade do seu “sim” para José. Mais cedo ou mais tarde, os fofoqueiros de plantão declarariam que

tinham descoberto com quem Maria estivera. Era este o verdadeiro mundo de Maria.

Neste mesmo mundo real de Maria, a declaração “que aconteça comigo” era um corajoso ato de fé. Consideramos as palavras de consentimento de Maria para o anjo como uma simples concordância da parte dela. Precisamos considerar o contexto em que ela vivia — o que teria sido para uma adolescente judia do século 1.º d. C. confiar em Deus, e como teria sido contar a história desta concepção para sua família, depois para José e para os outros em público. E ao considerarmos este contexto, conseguiremos compreender melhor a verdadeira fé que Maria professava. Podemos romancear sua fé e idealizar seu exemplo, podemos fazer dela uma simples personagem de um presépio natalino, porém, não podemos fugir da teimosa realidade de que uma jovem mulher, grávida antes do casamento, teria sua reputação defraudada e questionada — mesmo que as acusações fossem falsas.

A jovem Maria, sua fé e as tradições da Torá

Maria conhecia as consequências de sua prontidão e fé, e sabia o que seria dito a seu respeito, nas esquinas da atrasada Nazaré.

Maria era *jovem*. A maioria das fontes sugere que ela tinha por volta de 13 anos de idade, embora algumas fontes a aumentem para 16 anos. Maria também estava *noiva*. Passariam alguns meses até que ela e José fizessem sua cerimônia de casamento. Embora, estivessem somente noivos legalmente, eles já eram marido e mulher, exceto pelas relações sexuais consumadas. Na tradição da Torá, a partir do momento do noivado e não do momento da cerimônia religiosa (como no caso do mundo ocidental), José e Maria seriam considerados marido e mulher.

Ela era jovem e estava noiva, mas sua dificuldade era a gravidez antes do casamento consumado.

Maria estava *grávida* e por estar claro nos Evangelhos que José sabia que não era o pai, a situação dela era muito delicada. Ela seria chamada adúltera, pois não reclamara por ter sido violada à força.

José, agora seu marido de acordo com a Torá; não era o pai, então deveria haver outro homem, o que demandaria a apuração do adultério. Mais uma vez, de acordo com a Torá, como José e Maria eram legalmente casados, qualquer comportamento sexual por parte dela fora do relacionamento seria considerado adultério (ao invés de fornicação — que demandaria a aplicação de outra lei).

A Torá, que regulava a sociedade em que Maria vivia e a sua própria vida, estipulava o castigo para o adultério: *morte por apedrejamento para o adúltero*.

“Se numa cidade um homem se encontrar com uma jovem prometida em casamento e se deitar com ela, levem os dois à porta daquela cidade e apedrejem-nos até a morte: a moça porque estava na cidade e não gritou por socorro, e o homem porque desonrou a mulher doutro homem. Eliminem o mal do meio de vocês” (Deuteronômio 22:23-24).

Como a vida é muitas vezes complexa, os administradores da lei deviam antes de aplicá-la considerar as questões e evidências: Como descobrir se uma mulher é realmente culpada de adultério? E se ela declarasse que foi estuprada? E se o seu marido levantasse falsas acusações contra ela? E se a jovem mulher negasse qualquer transgressão? No meio de toda a fofoca do vilarejo, havia

uma questão legal prática: Como determinar se a mulher era culpada de adultério em casos duvidosos?

A lei de “águas amargas” era para os casos duvidosos. De acordo com o livro de Números 5, uma mulher suspeita de adultério (*sotah*) era trazida diante do sacerdote, seu cabelo deveria estar solto, e sob juramento lhe pediriam que tomasse as águas amargas: uma mistura de pó, água purificada e a tinta com a qual o sacerdote escrevera a maldição. O juramento incluía estas palavras: “Que o SENHOR faça de você objeto de maldição e de desprezo no meio do povo fazendo que a sua barriga inche e que você jamais tenha filhos” (Números 5:21). Se a mulher fosse culpada, ela adoeceria. Se não adoecesse, seria absolvida.

Seja lá o que for que pensemos desta lei hoje, o fato é que ela era aplicada no mundo da antiguidade. E durante o primeiro século, o procedimento legal de beber águas amargas, às vezes, tornava-se uma demonstração pública de justiça e outras, a vingança imediata da família. Naquele século, tanto quanto podemos pesquisar nas fontes rabínicas, a *sotah*, ou a mulher suspeita de adultério, era trazida para a corte de Jerusalém para tentar extrair uma confissão. Se a *sotah* mantivesse sua inocência, e Maria a manteria, ela seria levada a um lugar visível (como o Portão de Nicanor) para sofrer pública humilhação. Exigiriam que bebesse as águas amargas, suas roupas seriam rasgadas até seus seios ficarem expostos, seus cabelos seriam soltos e todas as suas jóias seriam removidas. Os transeuntes, especialmente as mulheres, seriam encorajadas a olhar para a vergonha pública da mulher para que isto lhe servisse de lição.

Seria esta a verdadeira realidade para uma mulher suspeita de adultério. Era esse o verdadeiro mundo de Maria.

Maria expressa sua fé ao dizer “que aconteça comigo conforme a tua palavra”

Quais teriam sido os sentimentos de Maria ao dizer “que aconteça comigo conforme a tua palavra” naquele tipo de mundo? Aqui estão os tipos de pensamentos que teriam atravessado a mente de Maria, no exato minuto em que Gabriel lhe explicou as “boas-novas”. Instantaneamente — porque ela crescera na tradição da Torá — sua mente teria ligado sua gravidez à suspeita de adultério (*sotah*), à humilhação pública de um julgamento e à maneira como José, seu esposo seguidor da Torá, responderia. Nós que temos familiaridade com a sua história, já sabemos que José nunca exigiu os procedimentos das “águas amargas”, porém isto é o que *nós* sabemos. Ainda sentindo a presença do anjo, ela não tinha a mínima ideia de como José reagiria às suas declarações de concepção virginal. Quais seriam as chances de seu marido, seguidor da Torá, desistir dos procedimentos legais? Pouquíssimas!

Há muito mais com relação ao que Maria instantaneamente sabia, e a maioria destas coisas nós aprendemos de registros judaicos sobre o tempo de Jesus. Ela sabia que os aldeões insultariam e baniriam seu filho. Ele ouviria a acusação de que era filho ilegítimo (em hebraico, um *mamzer*) e não poderia participar de assembleias especiais (Deuteronômio 23:2). Ela sabia que a reputação de José, como judeu praticante, seria questionada. Como observamos na lei sobre o apedrejamento de mulheres adúlteras, Maria sabia que legalmente, José deveria divorciar-se dela. Havia ainda a preocupação para Maria, de que pudesse ser abandonada com o Messias por nascer, sem pai. Ela reconheceria que eram pobres e que qualquer acerto legal que acontecesse

após o divórcio, tornaria sua vida financeira mais difícil. Maria era uma mulher judia, jovem, sensata, inteligente e piedosa — e muito mais — mas não poderia evitar pensar nestas coisas sobre si mesma, Jesus e José.

Ela deve ter questionado se haveria outra maneira mais fácil.

Sabendo o que a Torá dizia, sabendo como a lei era interpretada, e sabendo qual seria a acusação perante a sociedade, ficamos surpresos (senão estupefatos) de que Maria aceitasse o que Gabriel disse com as simples palavras “que aconteça comigo conforme a tua palavra” como está registrado no Evangelho de Lucas 1:38.

Perguntamos então: por que Maria consentiu naquele plano? Porque ela conhecia Deus. Ela tinha conhecimento através das páginas da história de seu povo, que o Deus de Israel era misericordioso, e que cuidaria dela. Conhecia as histórias de outras mulheres que foram ameaçadas na história dos judeus, mas que foram protegidas por Deus — mulheres cujas histórias estão descritas na Bíblia, como Tamar, Raabe, Rute e Batseba; mulheres citadas pelo evangelista Mateus, na genealogia que leva a José, Maria e Jesus. Por causa da confiança de Maria em Deus, e apesar de todos estes pensamentos ameaçadores de acusação e censura, Maria proferiu essas palavras corajosas que mudaram a história: “Sou a serva do Senhor; *que aconteça comigo* conforme a tua palavra”.

Maria, pela fé, concordou com o plano de Deus. Maria, pela fé, começou a carregar a cruz, antes de Jesus nascer. Maria começou a sofrer pelo Messias, antes do Messias sofrer.

Maria nunca mais teria uma vida normal. A família de Maria, seus amigos e o povo da sua Nazaré natal, nunca mais olhariam

para ela da mesma forma. Se evidências posteriores indicassem algo, muito poucos creriam na sua história. Fiquei espantado na primeira vez que li estas palavras do grande reformador Martinho Lutero, sobre Maria:

“Dos que tiveram contato, falaram, comeram e beberam com ela, quantos talvez a desprezassem e a considerassem nada mais que uma simples donzela da vila, comum e pobre, e que se soubessem quem era, teriam fugido dela com pavor?”

Andava pela Galiléia esta mulher jovem e especial, que fora chamada por Deus para uma vocação extraordinária, para a qual parecia preparada. Com certeza perguntaremos: Mas por que Maria estava tão preparada? A resposta a essa pergunta pode ser encontrada no Cântico de Maria, chamado de *Magnificat*, registrado em Lucas 1:46-55. Quando escutarmos atentamente o cântico de Maria, entenderemos por que ela estava preparada e também por que devemos afirmar que Maria era uma mulher de corajosa e profunda fé.